

JANELAS PARA OS MÚLTIPLOS LETRAMENTOS

Marli Chiarani *
prof.edgard@yahoo.com.br

ARAÚJO, J. C.; CARVALHO LIMA, S.; DIEB, M. **Línguas na Web – links entre ensino e aprendizagem**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

Júlio César Araújo é Doutor em Linguística. Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, onde coordena o grupo de pesquisa Hiperged.

Messias Dieb é Doutor em Educação Brasileira. É professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Faced da UFC.

Samuel de Carvalho Lima é doutorando e mestre em Linguística pelo PPGL da UFC. É membro do grupo Hiperged, no qual, com o apoio do CNPq, desenvolve pesquisas sobre ensino de línguas na Web.

O livro *Línguas na Web – links entre ensino e aprendizagem* é constituído de 13 artigos de pesquisadores de tradição e níveis de formação variados das diferentes regiões do país, apresentando experiências, pesquisas e reflexões acerca dos usos das tecnologias da informação no ensino de línguas (materna e estrangeira). Esta resenha apresenta, no entanto, apenas 08 artigos, pela seleção tão somente dos que tratam do ensino de uma língua estrangeira, apesar de as estratégias adotadas para o ensino desta, servirem também para o ensino da língua materna, por apresentar como foco a necessidade de haver práticas de letramento digital. O livro apresenta uma linguagem acessível, de fácil compreensão, revelando-se uma leitura necessária para os professores de língua especialmente, a fim de favorecer práticas “atualizadas” aos professores que não mais podem ignorar as mudanças demandadas pela Internet.

O primeiro artigo – *Mediação, centralidade e intermediação em fórum de discussão on-line* – é de Andrea da Silva Marques Ribeiro e apresenta considerações sobre a necessidade de se adotarem diferentes práticas pedagógicas, uma vez que o avanço tecnológico e maior disponibilidade de acesso às ferramentas da internet não devem passar despercebidas nos espaços de aprendizagem, muito pelo contrário, devem ser bem aproveitadas no sentido de promoverem maior interatividade entre professores e alunos,

* Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em rede – PROFLETRAS /UNEMAT/Sinop. Professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso – Escola Olímpio João Pissinati Guerra.

apostando no redesenho dos papéis e funções destes. Nesse sentido, busca discutir as relações entre mediação e configuração de centralidade em fóruns de discussão com fins educacionais, tendo como dados para essa análise uma turma (encerrada em 2007) do curso Teachers Links: Reflexão e Desenvolvimento para Professores de Inglês, oferecido pelo Programa de Pós-graduação LAEL da PUC/SP e com o apoio da Cultura Inglesa de São Paulo (EAD), cujo objetivo é ampliar a capacidade de reflexão crítica e aperfeiçoar a ação docente efetiva. Como o fórum de discussão é assíncrono, isto é, o acesso às informações nele armazenadas, ocorre em momentos distintos, segundo a disponibilidade dos participantes, favorece um estudo mais aprofundado, o que pode levar à participação com maior propriedade, garantindo, ao mesmo tempo, uma aprendizagem que se considere satisfatória. No entanto, como bem aponta a autora, os rumos de um fórum não se devem exclusivamente aos recursos da ferramenta, dependem da mediação dos participantes; alertando para as diferentes configurações de centralidade, que evidenciam o engajamento na discussão, a troca de mensagens e o posicionamento dos alunos. Apresentam-se gráficos ilustrativos que distribuem as 103 mensagens do fórum, dando ênfase às mensagens de dois professores mediadores do grupo, bem como às de três alunas com maior participação. Restou claro que o modelo de mediação dos dois professores não é o mesmo e, entendendo-se a linguagem na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, como um sistema de escolhas e funções no qual os sujeitos constroem significados, posicionando-se e estabelecendo relações, compreende-se claramente os resultados diferenciados da mediação promovida por ambos os professores: um promoveu maior engajamento, trazendo os participantes para posições também centralizadas nessa discussão; ao passo que o outro, com mediações marcadamente avaliativas, mostrou-se ineficaz na promoção de participação e engajamento na discussão. Assim, para o sucesso de fóruns de discussão, o professor deve estar atento ao modo como interage, como vai promover a participação, não se importando de revezar a posição de centralidade com as periféricas, importa que se perceba esse espaço como facilitador da aprendizagem. E quando um participante sai da posição periférica, assumindo em dado tempo a centralidade, parece-me que o professor está, felizmente, redesenhando seu papel nesses novos espaços de aprendizagem.

English teachers no Brasil do século 21 – O que a Web e as novas tecnologias trazem para a aula de Inglês? foi escrito por Jerônimo Coura-Sobrinho e Roberto Márcio dos Santos.

Responder a pergunta proposta no título deste artigo parece ser uma forma interessante de evidenciar a preocupação dos autores quanto à inserção das TICs nas aulas de Língua Inglesa.

De modo objetivo, a resposta é que elas trazem a possibilidade de práticas interessantes, além de atender às novas demandas e necessidades dos aprendizes contemporâneos. No entanto, para que isso se concretize, inicialmente, o professor precisa, segundo Buzato (2001), sujeitar-se à mudança de lugar com seus alunos no que se refere ao letramento eletrônico, admitindo que necessita da regulação do outro (no caso, o aluno), que “sabe-tudo”, título que antes dessa evolução tecnológica, era apenas do professor. Isso implica em aceitar a sua condição de aprendiz neste terreno para que, a partir das suas buscas e descobertas, reorganize suas formas de ensinar, desenvolvendo a mesma autonomia quanto a esses recursos que se pretende que o aluno desenvolva em relação à aprendizagem de uma língua estrangeira (ou outros temas que lhe sejam apresentados) salientando-se que “ O computador e a web permitem que sejam trabalhadas, simultaneamente, as diversas habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), bem como uma diversidade de gêneros textuais, graças á reunião de mídias permitindo o uso de imagem, som e movimento, aliados à possibilidade de comunicação real. Os autores desenvolveram uma pesquisa com professores de Inglês de escolas públicas e de cursos livres de Língua Inglesa, além de um grupo de professores formadores de cursos de Letras quanto ao uso das TICs. A pesquisa evidencia o uso destes recursos em diferentes níveis, obviamente, entre os professores do mesmo grupo, caracterizando, porém, uma expressiva diferença na utilização dos recursos multimídia entre as escolas públicas e das de cursos livres, trazendo à tona as nada novas dificuldades de equipamentos e laboratórios nas escolas públicas de um modo geral. Já nas escolas de cursos livres, a utilização dessas mídias é uma prerrogativa para a sua própria manutenção no mercado, vez que as campanhas de marketing, inclusive, colocam essa situação como referencial do curso ofertado. No que se refere aos professores formadores, estes consideram que há interesse pelo uso das novas tecnologias pelos professores de Inglês, também abordam a precariedade dos meios da escola pública e que, de maneira significativa, não existe formação específica ou programas de letramento digital nos cursos de graduação. As grades e ementas, portanto, carecem de atualização, é preciso “baixar” um aplicativo que, urgentemente, dê conta dessa demanda na formação de professores. Só com professores mais bem preparados para o manuseio desses recursos tecnológicos, será possível garantir a valorização da figura humana do professor, com postura reflexiva, possibilitando uma atuação condizente com as particularidades da educação contemporânea.

Tatiana Lourenço de Carvalho assina o próximo texto denominado – *O gênero e-mail e o ensino de espanhol: Principais contribuições apontadas pelos alunos sujeitos dessa experiência*. Este artigo apresenta uma situação de ensino de Língua Espanhola (desenvolvida

com uma turma de dez alunos do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE em 2009.1) associada ao uso do gênero e-mail, destacando, como os demais artigos do livro, a necessidade de se usarem as ferramentas das tecnologias da informação como recursos para promoção da aprendizagem, que não é mais possível que escola e professores fiquem à margem dessas transformações. Nesse sentido, os gêneros digitais, que já fazem parte do cotidiano da maioria dos alunos, devem ser usados como complemento do processo ensino-aprendizagem, bem como favorecer a comunicação/interação professor-aluno. O *e-mail* mostra-se, atualmente, como uma das formas de comunicação mais populares do mundo e seu uso pedagógico tem sido objeto de muitos estudos sobre os quais a autora traz também brevemente algumas considerações e concorda com Paiva (2005) que considera este uma ferramenta facilitadora da colaboração, da discussão de tópicos de trabalho e aprendizagem em grupos maiores, viabilizando comunidades discursivas, além de superar as limitações de tempo e espaço. Neste estudo, além das aulas presenciais que ocorriam uma vez por semana, houve a troca de e-mails com escrita em Espanhol como atividade extraclasse, nos quais se apresentavam dúvidas, enviavam-se tarefas, justificativas de faltas, entre outros. Portanto, utilizou-se o gênero *e-mail* como auxiliar no aprendizado de Espanhol e, segundo a avaliação dos próprios participantes da pesquisa, esta estratégia levou-as a pesquisarem mais, acessarem jornais, buscarem atividades que não estavam diretamente relacionadas à aula, pelas quais se sentiam motivados a ampliar vocabulário, revisar ortografia, diferenças de sentido das palavras, etc. Além dos ganhos pedagógicos claramente evidenciados, ainda se aponta o fortalecimento da interação professor-aluno.

No texto – Crenças de discentes em relação à aprendizagem de línguas *on-line* – Kátia Cilene David da Silva e Moisés Batista da Silva consideram que houve aumento considerável no número de estudos nacionais bem como internacionais a respeito de crenças relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas. Apresentam-se aqui os resultados de uma investigação com uma turma iniciante de Letras, com habilitação em Língua Espanhola na modalidade semipresencial, no interior do Ceará, oferecida pela UFC – Virtual, cujo objetivo é potencializar o acesso à educação de qualidade, constituindo-se como via para a democratização do saber; para isso, foi desenvolvida uma plataforma – Solar – um ambiente on-line de aprendizagem orientado ao aluno e professor, possibilitando a publicação de cursos e interação entre ambos. Aponta-se que a educação à distância no Brasil vem ganhando espaço, uma vez que o acesso à internet permite um intercâmbio de conhecimentos de maneira que as distâncias físicas e temporais são desconsideradas. Os pesquisadores citam Barcelos(2001) que conceitua crenças como opiniões e ideias que alunos (e professores)têm a

respeito dos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Para eles, conhecer as crenças dos alunos iniciantes favorece aos professores do curso direcionamentos de como alterar suas práticas e como auxiliar seus alunos no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Apontam que há três abordagens para se estudar as crenças: normativa, metacognitiva e contextual, tendo eles utilizado as duas primeiras junto à turma objeto de sua investigação, constituída por 15 alunos, dos quais somente dez responderam o questionário. A investigação revelou que os alunos ainda são resistentes a este tipo de educação e sentem necessidade de número maior de aulas presenciais, o que se justifica, em boa parte, pela dificuldade de uso do computador e o domínio das ferramentas necessárias para essa modalidade de ensino. Consideram a aprendizagem de outra Língua como algo superior, como se tivesse mais valor que a língua materna, o que lhes possibilita oportunidades profissionais; mas também que “ ensinar esta língua consiste em REPASSAR informações e aprendê-la está estreitamente relacionada ao estudo do sistema gramatical”, concordando, pois, com as crenças já existentes. Salienta-se, por fim, a importância do papel do tutor neste processo, a quem cabe a tarefa (nada fácil) de desmistificar essas crenças.

Tamara C. Carneiro Sabadini inicia seu artigo – *Um passo em direção à construção de hipertextos para ensino instrumental de língua estrangeira* – desafiando professores em formação e aos experientes também a aprofundarem-se na teoria de produção de hipertexto, uma vez que é crescente a procura por cursos de línguas ministrados a distância, que demandam, por consequência, materiais didáticos digitais, em sintonia com todas as possibilidades que as novas tecnologias possibilitam. Ao considerar que os materiais didáticos são elaborados, em sua maioria, por professores de formação ligada inteiramente a práticas de produção textual para o meio impresso, esse desafio passa a representar uma grande preocupação, deduzindo-se uma lacuna quanto ao aproveitamento das possibilidades de cursos a distância quando não se dispõe de material didático adequado a essa nova forma de aprendizagem. Nesse sentido, ela relata o caminho teórico que percorreu para chegar à elaboração empírica de versões hipertextuais de um material didático para ensino instrumental de Inglês a distância e automonitorado. Para isso, ela discorre sobre o conceito de hipertexto, explicando o termo *lexias* de Landow (1997), como os caminhos variáveis dentro de um conjunto de segmentos textuais, cabendo ao leitor não somente fazer as suas escolhas, mas também criar um eixo coesivo para as informações lidas, pois, como propõem Burbules e Callister (2000), trata-se de um texto descentrado, cabendo ao próprio leitor navegar entre o conjunto de *lexias* (que podem ser axiais ou rizomáticas) construindo significados para cada um dos segmentos lidos e entre os mesmos, de forma a ampliar, exponencialmente, as

possibilidades de construção de sentidos durante a leitura. Para tanto, a autora valeu-se do material didático digital do curso de Inglês instrumental *Read In Web*, oferecido pela Universidade Estadual de Campinas, que é composto por formas escaneadas de textos impressos, retextualizando parte selecionada desse material. Em seguida, ela descreve o passo a passo das duas adaptações por ela demandadas nessa “mudança” para o hipertexto, a partir de sua experiência, das situações identificadas como viáveis de serem agregadas nos links produzidos, observando os rearranjos necessários de modo a produzir uma atividade com hipertexto em sintonia com as evoluções tecnológicas, possibilitando o enriquecimento da aprendizagem com uma ferramenta mais eficaz. Em relação à estrutura do hipertexto, ela adota a classificação proposta por Landow (1997) quanto ao modo diferente de emprego do recurso dos links: axial e rizomática. No primeiro, considera-se uma organização que contempla um texto linear com pontos que expandem esse texto mediante o acréscimo de outras lexias, as quais não se relacionam, mas dialogam com o eixo central. Já a rizomática comporta uma matriz de textos independentes, porém interligados, sem divisões entre estruturas primárias ou secundárias, com uma divisão tênue entre materiais primários e suplementares. Fundamental observar sobre este artigo, a importância de o professor ser autor de materiais didáticos, destacando que ele é o mais capacitado para tal, devendo haver, portanto, comprometimento e trabalho árduo, solicitando auxílio (como a autora aqui fez) a técnicos de informática quanto às tarefas que não consegue desenvolver neste aspecto. O professor autor de materiais se concretiza quanto maior é a reflexão e comprometimento com a sua prática.

Como o título já esclarece bem – *O ensino de línguas em ambientes virtuais de aprendizagem: As formas que o aprender assume no meio virtual* –, o objetivo de Messias Dieb em seu texto é o de promover reflexões acerca das condições necessárias para a aprendizagem de Línguas em AVAs, considerando que, com o avanço da tecnologia, houve o crescimento também de maior oferta de cursos de aperfeiçoamento profissional a distância *on-line*, exigindo dos sujeitos, no entanto, mais que boa vontade e acesso a computador com internet para aprender; é preciso construir e dominar habilidades relativas à tecnologia digital, sem as quais a apropriação do objeto oferecido nesse curso não se pode realizar, implicando no que Soares (2002) dispõe sobre a importância de escola e a sociedade auxiliarem seus cidadãos a desenvolverem consistentes processos de letramento. Apresenta-se a teoria da relação com o saber que surgiu com os estudos de Charlot (2000), cujo mérito consiste em admitir que não existe fracasso escolar, mas sim, situação momentânea de fracasso, a que os sujeitos podem perfeitamente “dar a volta por cima.” Esse estudioso

considera que a relação com o saber está intimamente ligada à vida e aos status social e cultural dos sujeitos, que pode até refletir nas condições de aprendizagem, mas por si só não determina o fracasso deste, e que, lamentavelmente a escola nem sempre o enxerga como sujeito e não se empenha para mobilizá-lo, de ajuda-lo a encontrar sentido para realizar as ações que ela propõe. A teoria da relação com o saber constitui-se como a relação do sujeito (inacabado) com o mundo que o cerca, com os outros que com ele convivem e uma relação dele consigo mesmo. Charlot (2000) considera que todos somos capazes de aprender e, por meio dessa aprendizagem, realizar determinadas práticas, as quais implicam novas apropriações do saber. E que o aprender não apresenta configuração única, que há muitas formas de aprender, ao que ele denomina figuras do saber: *objetos-saberes*, *saberes-objeto*, *objeto cujo uso deve ser aprendido*, *atividades a serem dominadas e dispositivos relacionais*. Assim, de acordo com os objetivos do autor deste artigo, essas figuras do aprender, que são configurações que o aprendiz também assume no AVA, vão revelar formas diferenciadas de aprendizagem junto aos sujeitos que interagem nesse espaço. É preciso, primeiramente, conhecimento sobre os dispositivos que compõem esse ambiente virtual para se aperfeiçoar tanto nesse quanto em outros saberes. Ao apresentar a configuração do Teleduc por meio de uma tela gravada durante a utilização desse ambiente em uma disciplina do programa de pós-graduação em Linguística da UFC, ministrada por um dos professores organizadores deste livro, observa-se que, para realizar as atividades que competem ao aluno, este deverá interagir nesse ambiente, utilizando-se de alguns gêneros (portfólio, diário de bordo, correio, fórum de discussão, entre outros) que, para Bakhtin (1981, 2000), são a materialização de uma determinada linguagem, implicando na figura de aprender: *os saberes-objeto*, que implicam na apropriação de uma dada teoria, no caso, o que constitui o modo de escrita de cada gênero. As figuras *objetos-saberes* e *objetos cujo uso deve ser aprendido* também aparecem fortemente envolvidas nessa situação, pois o manuseio do computador e seus periféricos é um aprender necessário para, efetivamente, se passar à possibilidade de aprendizagem de uma nova língua ou qualquer que seja outro conteúdo. Também a figura do aprender *dispositivos e formas relacionais* concorre como um saber importante a partir das informações que os sujeitos envolvidos disponibilizam em seu Perfil nesta plataforma, indicando a imagem de si que desejam passar aos outros, sinalizando o tipo de relação que pretendem construir com os demais. Assim, haverá apropriação de formas relacionais com as quais se regulará a interação com os demais, podendo empregar, preferencialmente, as habilidades construídas com relação à língua em estudo. Ratifica-se, pois, que os indivíduos participantes de ambientes virtuais de aprendizagem devem se apropriar de figuras do aprender que lhes possibilitem interagir com

os outros participantes e construir diversos tipos de aprendizagem, entre eles, como exposto aqui, uma nova língua. Não há como ter acesso ao conteúdo deste curso (ou outro) se antes o sujeito não se apropriar dos demais que lhe possibilitem o acesso ao objeto oferecido. Letramento digital é palavra-chave para promover a autonomia de aprendizagem nesses espaços.

Samuel de Carvalho Lima e Júlio C. Araújo iniciam o artigo – *Letramento digital em ambiente virtual de aprendizagem: descrição das práticas de leitura e escrita promovidas por propostas de atividades no Curso de Letras/Inglês* – considerando alguns estudos importantes sobre as vantagens do processo ensino-aprendizagem que se utiliza do potencial das TICs, dando ênfase ao letramento digital, que tem sido foco de pesquisas tanto na Educação quanto na Linguística Aplicada, considerando que nem sempre professores e alunos estão preparados para os desafios que esta prática social requer, o que demanda, por consequência, segundo Xavier (2005) que as instituições de ensino preocupem-se com essa temática – letramento digital – passem a considerá-lo um “conteúdo” necessário, sem o que não se efetiva a tão falada(e pouco praticada) inclusão digital (ALONSO, 2004). O objetivo deste capítulo é o de analisar as propostas de atividade presentes em ambientes virtuais de aprendizagem de línguas em função do letramento digital, sendo assim possível promover a descrição das práticas de letramento oportunizadas a partir da participação no AVA de línguas. Soares (2002) indica o termo letramentos como o adequado para fazer referência às diferentes modalidades de letramento demandadas pelas variadas tecnologias envolvidas. Shetzer; Warschauer (2000) consideram o letramento digital dividido em três amplas áreas sobrepostas: *comunicação, construção e pesquisa*. Comunicação refere-se à habilidade de fazer contatos com pessoas e grupos, selecionar as ferramentas adequadas para o que deseja, entre outros. Aprender a se comunicar através do computador implica dominar novas formas de interação e colaboração. Já a área da Construção refere-se às práticas de criar e administrar páginas, sendo ilustrado pela passagem de ensaísta para produtor de hipertextos, de palavras para multimídia. Na parte da Pesquisa, considera-se tudo que é relativo à habilidade de saber encontrar, organizar e fazer uso das informações na Web. Assim, considera-se fundamental que as propostas de atividades presentes em AVA de línguas oportunizem aos alunos práticas de leitura e escrita que contemplem a comunicação, a construção e a pesquisa. Para que haja sucesso na construção do conhecimento, é necessário possibilitar autonomia ao sujeito em relação às suas atitudes enquanto responsáveis nessa construção, tanto individual como colaborativamente. Xavier (2005) observa que o letramento digital se realiza a partir do “uso intenso das novas tecnologias de informação e comunicação e pela aquisição e domínios dos vários gêneros

digitais.” E Ribeiro (2008) defende que, para ser letrado digitalmente, os cidadãos necessitam se apropriar de comportamentos que compreendem desde os gestos e o uso de periféricos do instrumento até a leitura e escrita de gêneros que são publicados em ambientes virtuais. Nesse sentido, os autores do artigo se propuseram a desenvolver uma pesquisa descritiva, cujo corpus foi constituído pelas propostas de atividades presentes na disciplina de Língua Inglesa 2A: Compreensão e Produção Oral oferecida via AVA, na Plataforma Solar, desenvolvida pela UFC, contendo ferramentas para professores e alunos. Após detalhada apresentação da metodologia do estudo (do qual este artigo é um breve recorte), considerou-se que as categorias resultantes das contribuições teóricas de Shetzer e Warschauer (2000) – base teórica da análise - mostraram-se pertinentes à observação das propostas de atividades em AVA de línguas, pois foi possível proceder ao mapeamento das práticas letradas, que evidenciaram a contemplação, mesmo que parcial, das três áreas sugeridas pelos autores: as atividades envolveram Comunicação, Construção e Pesquisa. O mérito deste estudo mostra-se em sintonia com as palavras de Fischer (2007) no que diz respeito à necessidade de sólida formação para o profissional da linguagem, sem o que não se terá oferecimento de propostas de atividades que contemplem as mais diversas práticas de leitura em ambientes virtuais. A autonomia do sujeito em aprender, em efetivamente se apropriar do conteúdo *on-line* oferecido por cursos a distância, só se pode realizar promovendo práticas de leitura e escrita que o familiarizem nesse espaço virtual; chamando a atenção para o trabalho criterioso que demanda o planejamento de atividades com esse fim.

No artigo – *Potenciais das redes sociais na web para o aprendizado de letramentos digitais, línguas e cultura inglesa* – a autora Bárbara Cristina Gallardo inicia a sua abordagem discorrendo sobre a democratização da informação, mudança de conceito de autoria, quebra de barreiras do isolamento e oferta de oportunidades de comunicação promovidas pela Internet, o que coloca os novos letramentos que surgem no meio virtual como um dos temas centrais da pesquisa científica no campo educacional do século 21. A internet aponta motivos significativos para a aprendizagem da Língua Inglesa, em oposição a métodos tradicionais uma vez que, segundo Neves (1996), no Brasil parece cristalizada a ideia de que só se aprende uma língua estrangeira mediante a aquisição da competência gramatical da língua-alvo, obscurecendo a visão de língua como o lugar onde formas reais e possíveis de organização social e suas consequências políticas e sociais são definidas e contestadas (Wedon, 1997 apud Norton 2000). Concordando com Snyder (2004), que considera o espaço virtual “um lugar cada vez mais popular para a comunicação e interação”, defendendo ainda que a escola deve preocupar-se com o letramento crítico, Gallardo descreve possibilidades de uso de redes

sociais virtuais como oportunidade de desenvolver letramentos fundamentais no meio virtual como o *socioemocional ou afetivo*, que é o modo como as informações encontradas na rede e as relações estabelecidas são compreendidas e usadas pelos usuários da rede virtual; e o *crítico*, que diz respeito à capacidade de reflexão, de responder criticamente às situações que emergem neste novo sistema global. Em continuidade, apresenta-se o histórico do facebook, como foi idealizado inicialmente para promover interação entre alunos de uma mesma universidade até sua constituição, hoje, com mais de 500 milhões de usuários com o perfil registrado no site, o que o torna a maior rede social virtual do mundo (KAKUTANI, 2010), evidenciando-o como um terreno fértil para o aprendizado de línguas e cultura inglesa. Os aprendizes podem se tornar amigos virtuais de falantes nativos da Língua Inglesa, caracterizando, com essa interação, o aprendizado contextualizado do Inglês, com uma prática social que exige a participação ativa do aprendiz. Atividades assim indicam alternativas de mudança para um novo paradigma educacional, que tem como objetivo acompanhar a revolução tecnológica promovida pela internet (YOUNIE, 2001). Vale observar que não basta usar a rede social como motivadora ou mero recurso, é preciso, ao colocar o aprendiz em uma situação de interação intercultural autêntica, que o professor esteja atento à necessidade de ensinar e aprender esses outros letramentos inseridos no processo, devendo descobrir junto a seus alunos novas formas de ensino e aprendizagem. Não se trata de fugir ao padrão mecanicista de ensino, mas sim o de abordar a língua como expressão de culturas e formas de estar no mundo, de promover o ensino *on-line* em situações reais de uso da língua-alvo. A autora encerra apontando a importância da formação de professores de língua estrangeira para o uso pedagógico da Internet a fim de que este possa superar o modelo de sua própria experiência como aluno. No século 21, a escola ignorar a influência das redes sociais que os alunos usam amplamente fora dela, ignorar a reconfiguração nos modelos de leitura e escrita que ela promove, é, certamente, uma escola “ignorante”, precisando urgentemente de atualização aos seus aplicativos (leia-se professores) para garantir o processamento adequado de suas funções tão relevantes à sociedade.

O mérito dos artigos do livro em comento deve-se pela clareza com que se apresentam experiências bem sucedidas de práticas de letramento digital. Também se deve ressaltar, como não poderia deixar de ser, a “centralidade” do papel do professor na promoção de aulas, de atividades que favoreçam esse letramento. Em diversos momentos, percebeu-se que a reflexão do professor, inquieto com a metodologia desatualizada frente aos novos debates sobre o ensino de línguas, sejam atividades de leitura e escrita, mobilizou-o para a elaboração de atividades específicas para o ambiente virtual. Muito se fala sobre a necessidade de

letramento digital, mas ocorre que, muitos professores sentem-se inseguros frente a esse desafio; logo, a divulgação de resultados de pesquisa aliada à firme boa vontade de professores parece ser um “link” para a atualização de práticas de ensino de língua que promovam o letramento digital. Precisa-se, sim, de melhores laboratórios, de internet mais veloz, de tantos recursos que otimizem a promoção da inclusão digital, mas a sensibilidade do professor, que precisa se render ao desafio do próprio letramento digital, parece ser o “download” mais pesado, mas é aquele que vai comportar o funcionamento mais eficaz da “máquina”, que tem por papel promover o aperfeiçoamento e a reflexão sobre as práticas que acontecem fora dela (escola), dotando os sujeitos de habilidades para desenvolverem a autonomia, para posicionarem-se nessa sociedade cada vez mais exigente de letrados digitais.

Recebido em 01 de junho de 2015. Aprovado em 20 de junho de 2015.